“A LULUZINHA” E “AS VENENOSAS”: A REBELDIA DO SER MULHER EM BLOCOS À FANTASIA (ARROIO GRANDE, RS)

" A LULUZINHA" AND "AS VENENOSAS": THE REBELLION OF BEING WOMAN IN BLOCKS TO FANTASY (ARROIO GRANDE, RS)

Beatriz Floôr Quadrado [1]

Resumo: A pesquisa tem como temática a trajetória de dois blocos de pré-carnaval compostos por mulheres de Arroio Grande (RS). O Bloco “A Luluzinha” e o Bloco “As Venenosas”, o primeiro fundado em 1981, já o segundo em 2010, ambos ainda atuantes. O bloco As Venenosas surge através do bloco A Luluzinha, e acaba se diferenciando deste nas suas características e propósitos, como o uso não obrigatório da máscara durante os desfiles. O trabalho busca a história destes blocos, junto à sua ideia de fundação até as mudanças ocorridas para o tempo presente, e, então, entender o uso de significados destes blocos para as mulheres participantes, analisando desde os carnavais realizados até a constituição dos próprios nomes. A metodologia utilizada é a História Oral e a investigação em acervos de jornais e fotografias.
Palavras-chave: Bloco de Carnaval; Gênero; História Oral.

Abstract: The research has as its theme the trajectory of two pre-carnival blocks composed by women from Arroio Grande (RS). The "A Luluzinha" Block and the "As Venenosas" Block, the first founded in 1981, the second in 2010, both still active. The As Venenosas block appears through the block A Luluzinha, and ends up being different from this one in its characteristics and purposes, like the non-obligatory use of the mask during the parades. The work searches the history of these blocks, with their idea of foundation until the changes occurred to the present time, and then understand the use of meanings of these blocks for the participating women, analyzing from the carnivals made until the constitution of the names themselves. The methodology used is Oral History and the research in collections of newspapers and photographs.
Keywords: Carnival block; Gender; Oral history.

[1] Mestra em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Brasil.

1 – INTRODUÇÃO

> "Com certeza tu não vias as mulheres sozinhas, sempre acompanhadas, as meninas, as moças... Quando eu comecei a participar já no meu primeiro carnaval à noite, foi 1987, a gente ia dar uma olhadinha na rua com o pai, sozinha com 15 anos era difícil, ou em grupos. [...] Algumas ainda têm dificuldades, elas não vão ao baile de carnaval sozinhas, se tivesse o baile de salão, que agora quase não tem, mas não saía de casa para pular lá sozinha. Então, a Luluzinha acaba sendo o nosso carnaval! " (Anelize Carriconde)

A declaração acima é da atual presidenta do bloco A Luluzinha da cidade de Arroio Grande (RS), um bloco de pré-carnaval fundado em 1981 do qual apenas mulheres participam. Elas realizam a recepção em casas particulares, os chamados "assaltos", além de desfiles pelas ruas da cidade utilizando fantasias e adereços. Anelize neste testemunho coloca a dificuldade de mulheres saírem sozinhas para se divertir, beber e pular o carnaval, ou seja, sem a presença de maridos, filhos, pais, enfim, longe da presença masculina.

Além deste bloco, há outros constituídos apenas por mulheres, como, por exemplo, o bloco As Venenosas, fundado em 2010. Diferentemente do A Luluzinha, elas não têm o uso da máscara como obrigatório, acessório que era uma maneira de preservar a identidade das mulheres que saem às ruas desacompanhadas. Mas o que os dois têm em comum é a sua existência, ainda nos dias atuais.

O carnaval tem início no Brasil por volta do século XVIII, inclusive no Rio Grande do Sul, com o entrudo, festa típica da Península Ibérica e trazida por colonizadores lusitanos. Eram realizados na rua, inicialmente sem música, mas com muita bebida. As pessoas se jogavam uma mistura de água e limão de cheiro. Era realizado quarenta dias antes da páscoa, "dias de valores pagãos para entrar na quaresma, e ter dias comuns. " (LEAL, 200, p. 15). Segundo Burke, o carnaval era realizado "em oposição ao cotidiano era uma época de desperdício justamente porque o cotidiano era uma época de cuidados e economia" (2010, p. 308). Por isso, que a vestimenta para este período também se fazia incomum, as pessoas utilizavam fantasias, máscaras, os homens se vestiam de mulheres, de padre, de diabo, de bobo, entre outros.

As mulheres neste período participavam mais como espectadoras e na preparação dos folguedos. Segundo Von Simson (1992) esta brincadeira, que era o entrudo, possuía uma hierarquia, ou seja, eram realizadas preferencialmente por homens, as mulheres brancas assistiam de suas janelas, mantendo o seu lugar privado e doméstico; as mulheres negras além de ajudar na preparação, eram alvo das brincadeiras de molhar e jogar farinha, inclusive por parte de homens negros.

A partir de 1822 houve um afastamento do entrudo, pois esta era uma manifestação popular vista como "atraso" pela elite. Trata-se de um período que se buscava uma "civilidade" para o Brasil, um processo modernizador e branco de ideias positivistas de progresso, o que podemos perceber por um discurso higienista sobre a festa (ROSA,

2008), ou seja, que buscava afastar as camadas populares e negras da dita elite, uma lógica de diferenciação (BRITO, 2005). Com influência dos carnavais venezianos, formaram-se os bailes de máscaras. As mulheres neste novo período de carnaval gozavam de maior liberdade, em especial ao que tange aos namoros. Era nos bailes que se trocavam olhares e demonstravam suas preferências (VON SIMSON, 1992) e os clubes eram locais de vigilância comportamental e distinção, seja pelo público, quanto pela vestimenta aceita, os trajes de gala. Havia cortejos até a chegada aos clubes, em que o acesso se fazia por meio de ingressos, que com o preço alto, evitavam a participação dos populares. Mas, o entrudo se fez concomitante aos bailes, a rua passou a ser a festa de pobres e negros. Com isso, no século XIX, mas oficializado apenas em 1907, surge o Corso ou Préstito, que era o desfile em carros do qual participavam apenas rapazes, uma maneira da elite ocupar a rua sem desfazer-se da distinção. Este, também, um meio de ostentação e moralização da festa, inicialmente as mulheres eram meras espectadoras que jogavam flores sobre o desfile, "ao invés da proximidade, principalmente corporal, oferecida pela brincadeira tradicional, o distanciamento do préstimo. " (LEAL, 2008, p. 70)

É em meados dos anos de 1920 que surgem no Brasil os blocos, ranchos e cordões, um carnaval de rua mais "abrasileirado". Tem início com uma ótica masculina, e esteve presente por todo país, inclusive no Rio Grande do Sul. Pelotas vai se destacar com cordões que depois se tornariam clubes sociais. Cabe um destaque para clubes negros, como exemplo, Clube Depois da Chuva (1917); Clube Chove Não Molha (1910); Clube Fica Ahí Para Ir Dizendo (1921); Clube Quem Ri de Nós Tem Paixão (1921), entre outros. O mesmo se deu na cidade de Jaguarão, com o Clube 24 de Agosto, antigo Cordão Carnavalesco União da Classe (1924); e Círculo Operário Jaguarense.

As Escolas de Samba surgem da união de blocos originários das comunidades periféricas de bairros e morros entre os anos de 1920 e 1930. No Rio Grande do Sul as escolas surgiram da apropriação do carnaval do Rio de Janeiro, tendo Pelotas e Rio Grande o registro mais antigo destas sociedades carnavalescas, o que ocorreu mais tarde em Porto Alegre. A mulher vai ganhando espaços nestas escolas como porta-bandeiras, baianas, passistas, rainhas de bateria; até muito recentemente se inserir em espaços mais masculinizados, como a bateria. Segundo Rosa (2008), o carnaval torna-se um campo de conflitos, em que por muitas vezes a noção de festa popular se desfaz, ficando o povo como mero espectador. Um exemplo é Porto Alegre, onde a festa era tida como da elite. Segundo DaMatta (1997) este povo é colocado como massa, não levando em conta sua individualização.

Desde os anos de 1930 o carnaval torna-se um ícone da brasilidade, em uma caracterização de mistura e miscigenação, período de construção de uma nacionalidade cultural. O governo de Getúlio Vargas foi marcado pelo nacionalismo e a construção de uma identidade nacional e cultural com base, principalmente, na posteriormente

chamada "Democracia Racial", por meio de um ideal de mestiçagem. O Brasil tinha, com isso, o intuito de incluir-se entre as nações democráticas do mundo. O mestiço antes visto como degenerado, a partir deste momento, é enaltecido. As identidades típicas se deram sobre o caipira, o negro e a mulata. Esta última como representação máxima do carnaval, esta nacionalidade "encarnada na figura do mulato desqualifica qualquer reivindicação de autenticidade cultural afro-descendente. " (PINHO, 2004, p. 85-119). E é desta forma que o negro é incorporado pela sociedade brasileira na constituição de uma identidade, através de uma ambiguidade, que apresenta ao mesmo tempo a negação do ser negro e sua assimilação em diversos âmbitos. Reconhece-se, de forma limitada, o samba, a capoeira, as religiões, tudo que antes era dito como negativo e proibido.

> "[...] tanto o candomblé como o samba constituíam os produtos culturais mais originais no Brasil e eram, portanto, capazes de distinguir simbolicamente o Brasil de outras nações latino-americanas e do mundo desenvolvido. Outra interpretação possível, e a que realmente prefiro, é que adoção de tais símbolos era politicamente conveniente, um instrumento para assegurar a dominação mascarando-a sob outro nome. " (FRY, 1977, p.52)

Representada no "mito da democracia racial", da herança escravagista e da mulher como objeto sexual, vista em um âmbito de erotização do corpo feminino que se vai persistir, por parte da elite branca, na invenção da mulata. O conflito se dá pelo significado da linguagem e da imagem, as mulatas na televisão brasileira sempre tiveram representadas de maneira sensual e sexual. Por exemplo, temos a "Globeleza", símbolo do carnaval da Rede Globo de televisão desde 1991. Uma mulata nua, com o corpo levemente pintado, e com samba no pé. A Globeleza certamente foi referência a muitas mulheres negras ou mestiças, afinal, é um símbolo de representação da beleza. O problema está em ser uma das únicas referências à mulher negra na mídia e baseada em uma afirmação de estereótipos de um imaginário brasileiro preconceituoso e racista.

Arroio Grande tem em sua história uma ligação marcante com o carnaval, conhecida como "Carnaval Carioca do Sul", por se realizar especialmente a partir de Escolas de Samba. A cidade localiza-se próximo à fronteira com o Uruguai e emancipa-se da cidade de Jaguarão apenas em 1872. Arroio Grande se identifica, em âmbito turístico, com Irineu Evangelista de Souza, o Visconde de Mauá, nascido nesta localidade, mas que fez sucesso como grande empreendedor no Rio de Janeiro, onde morou desde sua juventude. A cidade também é conhecida como "Cidade Simpatia", por acolher bem quem vem de outras localidades. No entanto, Arroio Grande teve episódios marcantes de racismo: como exemplo, a divisão de locais públicos e privados segundo a raça, dentre estes, praças e clubes sociais. Com isso, é fundado o Clube Guarani, um clube negro originário de 1920, devido à proibição da entrada de negros em outros clubes sociais, como o Clube do Comércio e Clube Caixeiral.

O carnaval em Arroio Grande tem início no final do século XIX e era realizado na rua, mais especificamente na Praça da Igreja Matriz, no centro da cidade. Segundo moradores, era realizado no entorno de um monumento a Nossa Senhora Aparecida, no qual era pulado em círculo o carnaval. Com o passar do tempo muitos blocos se formaram, e destes, as Escolas de Samba. Atualmente, a cidade é composta por quatro escolas de samba e uma escola infantil. A Escola Samba no Pé tem uma origem de iniciativa feminina e negra, formada por mulheres de uma mesma família, entre filhas de Dona Serafina, uma das fundadoras mais antigas. As escolas desfilam no centro da cidade, na avenida Dr. Monteiro, chamada neste período de "Passarela do Samba". São montadas arquibancadas nos cruzamentos da avenida e também são colocadas, pelos próprios moradores, cadeiras de praia sobre as calçadas e estas ficam ali durante as quatro noites de folia. Por muito tempo também aconteceram os carnavais nos clubes, entretanto, atualmente dois deles fecharam e o terceiro realiza festas esporadicamente. Estes espaços foram os locais de início dos festejos carnavalescos para as mulheres, em meados do século XX, e caracterizavam um carnaval da elite arroio-grandense. Os clubes tinham a cultura de se ter uma Rainha, uma Duquesinha e um príncipe representantes daquela entidade, estes tinham suas cortes de carnaval, com bailes à tarde para o público infantil, e à noite para o adulto.

Ao longo de todos estes anos, durante a festa do Momo, a cidade foi repleta de blocos carnavalescos, alguns reunindo multidões, e outros mais fechados, incluindo uma diferenciação de raça, como o Bloco Axé Raízes; e femininos como A Luluzinha, As Venenosas, o Bloco da Tete, e o Sem Juízo, sendo que os três primeiros ainda realizam suas festas. Os blocos na cidade geralmente, realizam seu carnaval nas chamadas concentrações, lugar privado no qual os foliões bebem, comem e dançam. Alguns desfilam na Passarela do Samba junto a músicas de sons automotivos ou as chamadas charangas. Os blocos masculinos travestidos de mulher também são diversos, como "As Gurias do ponche Verde", "Gaiola das Popozudas", "As Cobiçadas", entre outros. Segundo Rosa (2008) estes subvertem o sistema sexual heterodominante, causam estranhamento e afrontam as identidades sexuais bem definidas. Mas, também, e ao analisar as denominações de cada bloco, percebe-se uma construção pejorativa sobre a construção do ser mulher em nossa sociedade, o que não deixa de ser uma construção real, questionável e ambígua, seja nas vestimentas, nas vozes que tentam imitar, nos hábitos de inocência e submissão.

Enfim, as mulheres e o feminino tiveram sua presença em diversos âmbitos do carnaval arroio-grandense. Inclusive com seus próprios blocos, como já foi dito. O recorte desta pesquisa visa sobre dois blocos específicos: Bloco A Luluzinha e Bloco As Venenosas.

O Bloco A Luluzinha surge no ano de 1981 por um grupo de amigas da Rainha do Clube do Comércio, Silvana Costa Viana. Elas decidem se juntar e fazer uma surpresa para Silvana, se fantasiaram e colocaram máscaras, pois

segundo Anelize, não podiam ser notadas, "ainda tinha dificuldades de mulheres casadas saírem na rua fantasiadas e sair pulando na rua, assim sozinhas, sem os maridos! Então, por isso, elas colocaram máscaras. " Então, fizeram uma serenata para a Rainha, e a levaram pelas ruas da cidade até a sede do Clube. A partir de então, todos os anos elas se reúnem em um grupo fechado de pessoas conhecidas e convidadas, para desfilar pelas ruas da cidade. Logo após acontece o chamado assalto, que é a recepção ou chamada concentração na casa particular de alguma participante, ao contrário do que era conhecido como assalto de carnaval dos anos de 1950, as recepcionistas são avisadas com antecedência. Elas bebem, comem e dançam, sem a presença masculina nestas atividades. Os homens, por vezes, participam ajudando no bar e na cozinha, além da banda.

Estes assaltos ocorrem no pré-carnaval, uma vez por semana, totalizando quatro assaltos antes do carnaval. O uso da máscara ainda é obrigatório e, segundo a presidenta, é uma forma de manter uma cultura. O Nome do Bloco refere-se à personagem animada Luluzinha, proveniente de um desenho de origem inglesa dos anos de 1930, mas com sucesso no Brasil a partir dos anos de 1980. Nele havia dois grupos separados entre homens (grupo do Bolinha) e mulheres (grupo da Luluzinha). O estandarte do bloco é composto pela figura personagem. As fantasias são livres, sem temáticas impostas, mas muitos grupos no interior do bloco combinam a mesma vestimenta.

Os anos de 1980 no Brasil foram de pura efervescência no que tange aos movimentos feministas e a criação de grupos e coletivos de mulheres (CÉLI, 2010), em discussões sobre violência, sexualidade, igualdade no casamento, entre outros assuntos. Neste período também houve um novo momento de autonomia da mulher negra dentro do movimento negro, o que resultou no aumento do número de grupos negros femininos no Brasil. O objetivo destes feminismos era manter um grupo unificado perante o persistente "mito da democracia racial", da herança escravagista e da mulher como objeto sexual. (PEREIRA; SILVA; 2009). Enfim, é neste contexto que o Bloco A Luluzinha se desenvolve e acaba por influenciar outras mulheres e grupos.

O Bloco As Venenosas surge no ano de 2010, a partir do cancelamento de um assalto do bloco A Luluzinha. Segundo Maristela, uma das presidentas do bloco, elas já estavam com as fantasias prontas, então uma parte do grupo se reuniu e realizou o próprio assalto e desfile. A partir de então, seguiram organizando os assaltos todos os anos, criando o próprio bloco, com características particulares como, por exemplo, o uso da fantasia ser obrigatório, mas o da máscara ser opcional, o que é uma forma de diferenciação. O bloco é aberto ao público, ou seja, qualquer mulher comprando o ingresso, no valor de trinta reais, pode participar. Os assaltos acontecem no pré-carnaval, mas as integrantes se reúnem durante o ano todo, em média uma vez por mês, neste caso em um grupo menor e fechado, basicamente composto pelo grupo fundador, que atualmente tem quatro presidentas.

Segundo Maristela:

> "O Bloco Carnavalesco As Venenosas é uma ideia divertida, que se propõe resgatar e preservar o uso de fantasias, entusiasmar mulheres que tem o desejo de deixar a vida acontecer sem se importar com a idade que se tem, o peso que se tem e a cor que se tem...Basta estar disposta a dançar e se divertir com ousadia e com coragem. "

A nomenclatura utilizada na classificação do bloco se deu pelo fato de estas se identificarem com a primeira música a ser tocada em seu primeiro assalto, Erva Venenosa, uma música de Rita Lee, que segundo as presidentas, é uma forma de rebeldia e liberdade. Já o primeiro estandarte era bordado com o desenho de uma mulher negra e uma mulher branca com o nome do bloco. Depois foi modificado por sombras de sete mulheres, correspondendo as fundadoras, e a letra "V" em maiúsculo.

2 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para buscar entender o que o significado destes blocos para as integrantes aqui analisadas é de extrema relevância o conceito de gênero, este entendido aqui como "uma representação que constitui performativamente a aparência de sua própria fixidez interior. " (BUTLER, 2016, p. 127). Ao mesmo tempo em que o gênero estabelece interligações com as categorias étnicas, sexuais e identidades discursivamente construídas. Portanto, nesta pesquisa se analisa e se utiliza da categoria gênero, assim como de raça, como uma ligação de fatores sociais, históricos e político ideológico, não mais um conceito com base no biológico, como se percebe no senso comum ainda presente. Segundo Munanga: "Podemos observar que o conceito de raça, tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. " (p. 6, 2013). Tanto a raça quanto o gênero são uma construção ideológica sobre o biológico, com isso, ao utilizar estas categorias estamos considerando estas construções feitas, mas não de maneira a considerá-las naturais e verdadeiras. E assim, pela teoria da branquitude, o conceito raça passa a caracterizar apenas o indivíduo negro, colocando o branco como o naturalizado (SOVIK, 2009), acontece o mesmo com o feminino classificado como gênero e o masculino como categoria universal (BUTLER, 2016).

Segundo Galindo (2007) as mulheres são cridas para evitar conflitos, serem submissas a todas estas construções naturalizadas, estas são objetivadas através do silenciamento. Mas existem as subversivas, que rompem com o sistema, que reinterpretam significados e entram em conflito com a sociedade, um estado de rebeldia (GALINDO, 2007). Ao perguntar sobre o significado do nome do bloco As Venenosas, as presidentas respondem:

> "Maristela: O de rebeldia [...]
> Patrícia: Normal né, a maioria são casadas [...] A gente não se reune só quando tem Venenosas, todo final de semana a gente se reune.

> Maristela: O diferencial do Bloco é que não teria máscara, Venenosas é essa ousadia, sair na rua e mostrar a cara!
> Patrícia: Mostrar a cara.
> Maristela: [...]. Então essa questão de não ter máscara, ter coragem, ousadia. [...] toda mulher que quiser ir vai, pobre, rica, negra, branca, as venenosas aceita tudo [...] interessa que tu sejas mulher, tenha 18 anos, use fantasia. ”

A dominação masculina para Bourdieu (2002) tem como principais agentes: a Igreja e seus valores patriarcais de pessimismo sobre a mulher em que prega a moral sobre o feminino; o Estado em um patriarcado público de unidade doméstica identificado às mulheres; a Escola em que as construções de divisão entre homens e mulheres são então definidas; e a família que reproduz estas dominações.

Bourdieu (2002) o princípio da inferioridade e exclusão da mulher também se concretiza pelo casamento. As mulheres destes blocos se referem ao casamento como um estado de vida cotidiana, mas exaltam como momentos de liberdade os encontros e festas no grupo do bloco.

O carnaval, então, pensado por estes grupos como um momento de inversão e possibilidades de subversão, possibilidade de inverter o que foi posto como natural, padrão, a festa torna-se um meio de rebeldia. Segundo Burke (2010) esta imagem de inversão de valores se centra na própria figura do carnaval em que o rei é gordo e jovial. Mas, vai além de ser apenas uma inversão, revelam-se diferentes significados, práticas e protagonistas (BRITO, 2005), como entre os blocos propostos à análise nesta pesquisa.

Os blocos específicos de mulheres criam dentro de seus grupos uma espécie de solidariedade, uma maneira de compartilhar seus desejos e sentimentos. O Bloco As Venenosas, por exemplo, se encontra, também, durante o ano todo, elas dividem o seu cotidiano além do carnaval. Com isso, o carnaval é um reflexo de nossa sociedade estruturalmente hierárquica, branca, heterossexual e machista, mas é mais do que simplesmente isso, é um momento de possibilidades de críticas, manifestação, visibilidade e presença. As Venenosas e A Luluzinha são festas do pré-carnaval, anunciam a festa da inversão, contrária ao dito normal do dia-a-dia. Mas, pode-se ver além, pensar que estas mulheres colocam no cotidiano esta rebeldia de inversão e possibilidades, ou seja, em um período que a vida corre normalmente, têm-se fantasias, desfiles, músicas e atitudes carnavalescas, elas invertem, e colocam os seus desejos em festa.

> “O carnaval cria uma festa do mundo social cotidiano, sem sujeição a duras regras de pertencer a alguém ou de ser alguém. Por causa disso, todos podem mudar de grupos e todos podem se entrecortar e criar novas relações de insuspeitada solidariedade. “ (DaMatta, 1997, p.121)

Esta solidariedade e esta visibilidade através dos blocos é um meio de não cair no esquecimento, e para entender melhor este processo, a pesquisa utiliza como método a História Oral, afinal só entenderemos a construção

destes blocos e suas escolhas através dos sujeitos que os produz. Com isso, é essencial entendermos os mecanismos e conceitos sobre a memória, que segundo Portelli (2004) é o contar estas estórias que torna possível preservar o narrador do esquecimento e faz parte da construção da identidade. É importante ressaltar que há uma relação, entre entrevistador e entrevistado, sobre questões referentes a construções, imagens e status. "Enquanto os historiadores estão interessados em reconstruir o passado, os narradores estão interessados em projetar uma imagem. " (PORTELLI, 2004, p. 300). Neste caso estas projeções e atribuições construídas pelo próprio grupo se fazem de maneira a positivar sua história.

> "A identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva. [...] A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição- discursiva e lingüística- está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas. " (SILVA; HALL; WOODWARD, 2012, 81)

As identidades não são autênticas nem naturais, ou seja, são construções sociais. Mas deve-se levar em conta, segundo Weber (2006) que estes são conceitos intelectuais, para os indivíduos participantes destas identidades estes conceitos, por vezes, não fazem sentido. Os blocos estudados nesta pesquisa se identificam pelo fator biológico do sexo, o ser mulher, ou seja, se fazem sobre o essencialismo construído sobre o biológico. "O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento de fronteiras que definem quem nós somos servindo de fundamento para a identidade- por exemplo, para a identidade sexual. " (SILVA; HALL; WOODWARD, 2012, p.15)

A identidade do ser mulher é uma construção sobre o biológico identificada ao feminino, mantendo uma relação de diferenciação com o dito masculino, ou seja, uma criação por parte de uma dominação masculina. O feminino é ligado à maternidade, reprodução, e ao âmbito doméstico, mas neste caso refere-se à mulher branca. O feminino não pode ser rotulado como uma unidade, esta é uma invenção de dominação masculina (TIBURI, 2015), assim como a identidade, ele é diverso, e deve-se levar em conta nesta pesquisa. A mulher negra é caracterizada para o trabalho, a rua e a promiscuidade. As relações destas com o masculino são diferentes, até mesmo no que tange ao ser belo: No Brasil a estética é associada a padrões de beleza branca, uma superioridade estética denominada branquitude. O corpo negro como um ícone de feiura, primitivismo, agressividade e descontrole faz parte de um complexo processo histórico, em uma racialização do gênero para administrar o corpo da mulher branca e conter o da mulher negra. Fixando as dicotomias pureza/impureza; limpeza/sujeira; contágio/purificação; ordem/desordem. (XAVIER, 2012).

Enfim, deve-se ter como princípio estas diferenças no ser mulher, pois os grupos estudados são diversos, em ideologias e na sua constituição.

3 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, Álvaro. *A elite em festa: a comemoração do carnaval de Pelotas na década de 1910.* Estudos Ibero Americanos, vol.37, n.2, jul-dez, 2011, p.232-249.

BRITO, Sandra. *O carnaval e o mundo burguês.* Revista da Faculdade de Letras História, Porto, III série, vol.6, 2005, p.313-338.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina.* 2ed. Rio de Janeiro: Bertrande Brasil, 2002.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna.* Companhia das Letras: São Paulo, 2010.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.* 6ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DUARTE, Ulisses Corrêa. *A cultura carnavalesca em Porto Alegre: o espetáculo, a retórica e a organização da festa.* Revista Oe S, Salvador, v.20, n.64, p.165-182- Janeiro-Março-2013.

FRY, Peter. Feijoada e "Soul Food": notas sobre a manipulação de símbolos étnicos e nacionais. *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira.* Zahar editores: Rio de Janeiro, 1977.

GALINDO, Maria. *No se puede descolonizar sin despatriarcalizar: teoria y propuesta de la despatriarcalización.* Bolívia: Mujeres Creando, 2006.

GALINDO, Maria; SÁNCHEZ, Sonia. *Ninguna mujer nace para puta.* 1ed.Buenos Aires: Lavaca Editora, 2007.

LEAL, Caroline P. *As mulheres no Reinado de Momo: lugares e condições femininas no carnaval de Porto Alegre (1869-1885).* Dissertação- Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2008.

MUNANGA, Kabengele. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.* IN: Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03.

ROSA, Marcus Vinícius de Freitas. *Quando Vargas caiu no Samba: um estudo sobre os significados do carnaval e as relações sociais estabelecidas entre os poderes públicos, a imprensa e os grupos de foliões em Porto Alegre durante as décadas de 1930 e 1940.* Dissertação de Mestrado- Pós- graduação em História, UFRGS, 2008.

SILVA, Fernanda Oliveira da. *Os negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas (1820-1943).* Dissertação- Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-graduação em História, PUCRS, 2011.

SILVA, Tomaz Tadeu da (ORG), HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.* 10ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco.* Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. (Org.). *Movimento Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil.* Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

PINHO, Osmundo de Araújo. *O efeito do sexo: políticas de raça, gênero e miscigenação.* Cadernos Pagu (23), Julho- Dezembro de 2004, p.89-119.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Feminismo, História e Poder.* Rev.Sociol.Polit.,Curitiba, v.18,n.36, p.15-23,jun.2010.

PORTELLI, Alessandro. *O momento da minha vida': funções do tempo na história oral.* In: FENELON, Déa Ribeiro et. al. (Org.). *Muitas memórias, outras histórias.* São Paulo: Olho d"Água, 2004, p. 296-313

TIBURI, Marcia. *Política, mulheres e filosofia.* IN: www.marciatiburi.com.br. Visualizado : 19/8/2015

TIBURI, Marcia. *O feminismo das outras.* Revista Cult, agosto de 2015.

VON SIMSON, Olga R. de Morais. *Carnaval em branco e negro: carnaval popular paulistano (1914-1988).* São Paulo: Editora Unicamp, 2007.

VON SIMSON, Olga R. de Morais. *Mulher e Carnaval: Mito e realidade (análise da atuação feminina nos folguetos de Momo desde o entrudo até as Escolas de Samba.* R. História, São Paulo, n.125-126 p.7-32, ago-dez/91 a jan-jul/92.

XAVIER, Giovana. *Brancas de almas negras?: beleza, racialização e cosmética na imprensa negra pós- emancipação (Estados Unidos, 1890-1930), Campinas*. São Paulo: 2012.

WEBER, Regina. *Entre o "primordial" e o "construído": as identidades sobre análise.* Estudos Ibero- Americanos. PUCRS. V. XXXII. N.1, p.189-197, jun.2006.